



Diálogo XIII

- Vossa Excelência falava no outro dia da maneira mais rápida e eficaz de ficar santo: ajudar uma pessoa feia. É isso?
- Exato. Repare.
- Reparo, sim. Diga.
- Ajudar o que é belo, forte e saudável não fará de nós santos. Aliás, é quase uma maldade.
- Uma maldade?
- Sim. Ajudar alguém belo, forte e saudável é quase uma maldade.
- Então?
- Porque está a desperdiçar a energia. Se ajuda um, não ajuda outro. Não pode ajudar ao mesmo tempo duas pessoas que estão em lugares diferentes – eis uma lei que me parece não ter contraditório.
- Isso é certo, mas então... conclui?
- E portanto, dizia eu: se Vossa Excelência, por exemplo, ajudar alguém que é belo, forte e saudável não está, nesse momento, como é evidente, a ajudar alguém que é feio, que é feíssimo e que, além do mais, tudo o resto – do rosto para cima e para baixo – são desgraças. Em suma, se quer ser santo, ajude quem é feio e doente e desgraçado. Não perca tempo nem energia com os outros. Isto parece-me uma evidência.
- Mas, portanto, deixe-me cá ver se compreendo o raciocínio de Vossa Excelência. Um raciocínio algo cruel, diga-se.
- Nada disso.
- Mas, deixe-me então ver se o entendo.
- Deixo sim.
- E deixe-me tirar uma conclusão provisória do raciocínio de Vossa Excelência.
- Deixo sim.
- Então é isto: se para Vossa Excelência ajudar alguém belo, forte e saudável é quase uma maldade, então, o seu oposto é uma bondade. Correto, Excelência?
- Talvez...
- Ou seja: tratar mal o que é belo, saudável e forte é um ato bonzinho. É isso?
- Enfim, talvez seja uma conclusão precipitada.

Gonçalo M. Tavares – *O Bem, o Mal e o Assim-Assim*

Sobre os diálogos de *O Bem, o Mal e o Assim-Assim*

Gonçalo M. Tavares

Forma de colocar dois corpos no espaço, o diálogo. Modo, no fundo, se quisermos, de afastar dois sujeitos; de os colocar na exigência de não serem coro, de não apontarem para o mesmo sítio.

Cada corpo, um ponto de vista; ponto de onde vê. Dos olhos ao mundo vai, por norma, uma linha mais ou menos reta; e eis então o que fazem estes dois sujeitos: dialogam cada um com os seus verbos, cada um com a sua visão.

No entanto, o diálogo pode ser monólogo quando a posição e o rosto das personagens se confundem. E talvez seja isso que por vezes acontece. Quem diz o quê? Que Excelência fala se os dois são Excelências, ou seja, personagens que dão demasiada importância à sua própria voz?

Mas há um centro para as duas falas – o bem e o mal.

Impossível separar por barreiras metálicas, ou muros, ou cores – bem e mal estão muitas vezes obscenamente misturados; como alguém que põe a mão na água e se queima – o que fazer quando a situação não é clara?

As personagens falam das leis, da visão e da caminhada; da fealdade e das ilhas mais ou menos utópicas; porém, no fundo, a ironia e o sarcasmo escondem este desalento principal: de facto, tirando momentos excepcionais em que é fácil e evidente a escolha do lado certo, a vida, em muitas das suas ocasiões, no seu pano de fundo, é mais ou menos uniforme – escolher um lado ou outro

de um acontecimento não salva nem envia ninguém para o inferno. E é, então, em redor deste Bem, deste Mal e deste enorme Assim-Assim que as personagens caminham, verbalmente falando.

Os textos são diálogos puros, não têm a estrutura de uma peça. E daí a importância decisiva de quem pega neles e os põe em cena.

E, neste particular, é um prazer ter de novo um texto encenado por João Luiz, com dramaturgia de Maria João Reynaud – amigos de muitos anos que transformaram estes diálogos, vindos de outras origens, em teatro mais ou menos para crianças e outras excelências. É um trabalho difícil, que exige perícia e engenho. Estou-lhes muito grato.

Onde estamos...

João Luiz

Depois das duas incursões anteriores na obra de Gonçalo M. Tavares – *O Senhor Juarroz* (2007) e *O Senhor Valéry* (2009) –, há muito que acalentávamos o desejo de levar à cena, se possível, um texto ainda não publicado. E foi o que agora aconteceu com os “diálogos entre dois excelentíssimos sujeitos”, a que o seu autor chamou *O Bem, o Mal e o Assim-Assim*. Estamos perante uma troca de argumentos acerca da natureza do bem e do mal, os quais se entrecruzam numa ininterrupta sucessão de falas que rodam sobre si mesmas sem que se aponte uma solução. Os dois “sujeitos” não têm nome. Ao interpelarem-se por “Excelência”, instalam um clima dominado pela ironia, ao mesmo tempo que retiram a possibilidade de estabelecer qualquer diferenciação de natureza social ou de personalidade entre ambos. A estas duas vozes junta-se uma outra, que já não procura interlocutor, mas tenta apenas comunicar consigo própria, ora por gestos, ora por restos de frases. Tudo em consonância com um ambiente já de si desmoronado.

Ambiente que nos fez lembrar um fragmento da autoria de Raul Brandão, datado de Setembro de 1910, e publicado mais tarde nas *Memórias*, que nos coloca perante uma cruel evidência. Diz o escritor:

[...] fizeram de mim este ser inútil, que não sabe viver e que já agora não pode viver. Não grito de desespero porque nem de desespero sou capaz.

A vida antiga tinha raízes, talvez a vida futura as venha a ter. A nossa época é horrível porque já não cremos – e não cremos ainda. O passado desapareceu, de futuro nem alicerces existem. E aqui estamos nós sem teto entre ruínas, à espera...

Cem anos volvidos, depois da panóplia de acontecimentos do século XX, como é que, com palavras de Gonçalo M. Tavares, e através da presença das duas Excelências que aqui contracenam, somos levados a sentir as mesmas inquietações? De certa maneira, continuamos a assistir ao espetáculo de um mundo que caminha para o abismo; que, de igual modo, se vai desmoronando à nossa volta sem que possamos impedi-lo, tanto do ponto de vista físico e natural, como do ponto de vista ético.

Prescindindo muito embora de uma trama, estas ficções têm um enorme poder evocativo. E o que elas evocam é uma

sociedade onde os sujeitos performativos se encontram esgotados e à beira de se “consumirem” a si próprios. Ou seja, através da sua paradoxal liberdade, o sujeito performativo é ao mesmo tempo vítima e carrasco, senhor e criado, o que o torna incapaz de fazer qualquer coisa:

O sujeito produtivo não está sob o domínio de qualquer instância externa que o obrigue a trabalhar ou que o explore. Ele é senhor e soberano de si mesmo. Não está sob o jugo de ninguém a não ser de si mesmo. Porém, a supressão das instâncias de domínio não conduz à liberdade, produzindo apenas uma equiparação da liberdade à coação. O sujeito produtivo entrega-se à liberdade coerciva ou à livre coação... (Byung-Chul Han)

Estes diálogos que aqui encenamos, nos quais incluímos as intervenções musicais, colocam-nos na presença de criaturas “narcísicas”, incapazes de se abrirem à experiência e ao contacto com o outro, desvalorizando assim toda a interação possível, fundindo-se por vezes de tal forma consigo mesmos, que se torna difícil realizar qualquer jogo cénico.

Talvez por isso o tédio se instale, como fruto da ausência de laços afetivos ou de qualquer sentimento. Nenhum deles é capaz de qualquer iniciativa que possa inverter esta situação.

Estaremos confrontados com as ruínas de uma ética social? Ou com um tempo de transição, em que o passo decisivo para compreender o mal e o seu lugar na vida quotidiana fica por dar?

Na impossibilidade de erguer uma “narrativa”, temos um exercício reflexivo sobre a compreensão do mal, tomando como única bitola o bem. O dilema que se coloca a estas “figuras” é que o mal é tão real como o bem: nenhum deles pode existir sem o outro. É a partir desta constatação que “os dois sujeitos” se erguem como personagens, procurando ver o mundo que os rodeia a partir de outros ângulos. Quiçá com a vontade renovada de recomeçar, começar sempre, com a mesma alegria e o mesmo olhar primordial, embora saibam que o tempo é outro...

Ou será que estamos condenados a *um vazio à espera de ser habitado*?





Algumas reflexões (contraditórias)

Maria João Reynaud

I. Dois personagens encontram-se num espaço ameaçado de ruína, situado algures na contravolta da História. Não sabemos quem são, donde vêm, qual é o seu destino. Esperam, espiam-se e confrontam-se num *huis-clos* iluminado por uma janela com vidros quebrados. Isolados do resto do mundo, entabulam um diálogo para passar o tempo, assumindo o papel de dois “excelentíssimos sujeitos”, ou melhor, de duas “Excelências” bizarras, que trocam opiniões acerca disto e daquilo no mais completo anonimato: “– Eis o tempo”, diz um deles.

Esta frase marca o início de um jogo teatral em que falar é uma forma de ocupar o tempo. Ou será antes uma estratégia de sobrevivência? Ambos sabem que, naquele lugar de espera, é preciso não perder o equilíbrio e “afastar o medo”. Para isso, basta lançar uma opinião sobre um assunto qualquer e pôr à prova a firmeza do raciocínio, usando regras discursivas comuns para demonstrar a conveniência dos argumentos. O poder de persuasão depende do modo como se usa a palavra, da intenção oculta, da clareza da argumentação, cuja finalidade é demonstrar que o valor do pensamento é indissociável da perspectiva. É isso que acontece no diálogo destes dois “excelentíssimos sujeitos”.

II. Tal como num jogo de cartas, cada um tem a possibilidade de *destrunfar* o opositor, fazendo valer, no confronto de pontos de vista, a eficácia dos argumentos que os sustenta. Ganho inútil, num mundo onde os princípios éticos que regiam a vida social perderam o seu fundamento.

Constatar que o mundo é feito de contradições insolúveis, que cada coisa existe em função do seu contrário, que o pensamento se organiza a partir de pares de opostos (bem/mal; profundo/superficial; visível/invisível; alto/baixo; pequeno/grande; luz/escuridão...), não sendo propriamente uma novidade, é uma boa maneira de iniciar o jogo.

A exposição de uma ideia faz nascer o desejo de levar o outro a aceitar o nosso ponto de vista, o que é sempre uma satisfação para o ego. Seduzir pela palavra é uma arte intemporal.

Os personagens que vemos em cena falam de tudo e de nada, para se ouvirem,

preenchendo o vazio com as suas frases corretas. Mas a duplicidade inerente à linguagem faz com que a verdade de cada frase se distorça e o seu sentido se perca. O efeito perverso da teatralização do discurso é revelar o vazio que ele encobre. Se uma verdade é tida por irrefutável, logo surge a possibilidade de ser anulada. Basta que cada “Excelência” use a imaginação e encare a mesma realidade a partir de um outro ângulo. Toda a verdade se desdobra ludicamente no seu contrário.

Mas sempre que cada “Excelência” aceita o ponto de vista do oponente está efetivamente a admitir que há pelo menos duas maneiras de ver a mesma coisa. Tudo depende do lado em que se está... Os seus raciocínios tornam-se assim complementares. Do senso comum ao paradoxo vai apenas um pequeno passo, capaz de mudar radicalmente a percepção da realidade.

Até a palavra “Excelência”, fórmula de tratamento muitas vezes repetida ao longo deste texto, se esquia à identidade. As diversas tonalidades que vai adquirindo nas sucessivas contracenagens marcam os avanços e retrocessos do discurso. A verdade do Texto a que os atores dão voz, com as suas réplicas e os seus silêncios, é sempre plural.

III. A já extensa reflexão de Gonçalo M. Tavares sobre o pensamento e a linguagem, tendo como pano de fundo filósofos como Kierkegaard e Wittgenstein, prossegue em *O Bem, o Mal e o Assim-Assim*. Pelas suas características, este texto dramático inscreve-se no universo de *O Torcicologologista, Excelência* (2015), onde encontramos diálogos do mesmo tipo, a pretexto das situações mais variadas do quotidiano e com o objetivo de desconstruir as verdades adquiridas, através de um questionamento irónico. Graças à ironia, fascinante figura de pensamento, é possível lidar com as interpretações em conflito sem cair nas armadilhas da linguagem. Há de facto que evitá-las, através da disseminação do sentido e do aprofundamento das diferenças, de modo a reduzir ao mínimo o risco do sentido totalitário.

No texto agora em cena, a teatralização do discurso permite contrapor à verdade do senso comum uma opinião contrária, enunciada em moldes irónicos. As conversas vão variando entre assuntos

banais e questões mais sérias, com pequenas histórias de permeio em que os argumentos ganham vida própria. A paródia dos diálogos platónicos faz ressaltar as contradições e os paradoxos de um pensamento em constante deriva. Podemos encontrar ecos do teatro do absurdo (Beckett, Ionesco, Tardieu), quando a conversa banal desliza para a incoerência ou para a insanidade; da racionalidade encantatória de Lewis Carroll; ou da crítica mordaz de Pirandello.

IV. O progresso, entendido como acumulação desmesurada de riqueza nas mãos de uma minoria poderosa, torna secundária a distinção entre o bem e o mal. Dentro desta lógica, é natural que a qualidade espiritual do ser humano, moldada num pensamento humanista, seja considerada um entrave aos interesses sobranceiros da economia. Subsiste porém uma ética utilitária, baseada numa visão distorcida das relações sociais, segundo a qual o bem é aquilo que é útil. Numa sociedade onde a consciência moral desapareceu, a diferença entre bem e mal torna-se indiscernível. Daí que uma das Excelências possa dizer que “O Mal executa as suas tarefas com as mesmas ferramentas e instrumentos do Bem”. Quando os argumentos falham, o melhor é deixar tudo como está, “assim-assim”, até que apareça uma saída...

Há porém que ter em conta esta advertência: “O mais perigoso para o homem, de longe, são as coisas que têm mais ou menos uma dimensão semelhante à sua. Que não são pequenas nem grandes. Que são do seu tamanho.”

Num mundo em mudança, onde os ideais vacilam e as zonas de sombra proliferam, a obra empolgante e já tão vasta de Gonçalo M. Tavares é uma porta iluminada que o leitor pode abrir em qualquer altura. A sua escrita transporta-nos sempre a um lugar jubiloso onde a espera é já uma esperança.

ficha técnica TNSJ

coordenação de produção

Maria João Teixeira

assistência de produção

Eunice Basto

direção de palco

Emanuel Pina

direção de cena

Cátia Esteves

maquinaria de cena

Filipe Silva (coordenação),

Adélio Pera, Carlos Barbosa,

Joaquim Marques, Lídio Pontes,

Paulo Ferreira

luz

Filipe Pinheiro (coordenação),

Abílio Vinhas, Adão Gonçalves,

José Rodrigues, Nuno Gonçalves

som

Joel Azevedo

apoios TNSJ

 **Castanheira**

 **pedras&pêssegos**

 **Gentleman**

apoios à divulgação

 **m**

 **98.9 FM**

 **mac**

 **Jornal Notícias**

 **Era**

ANTENA 1 = ANTENA 2 =

 **STCP**

 **CP**

agradecimentos TNSJ

Câmara Municipal do Porto

Pólicia de Segurança Pública

Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

ficha técnica Teatro Pé de Vento

construção e montagem

Rui Azevedo

apoio à divulgação

Cristina Moura Fonseca

manutenção

Cláudia Allen

agradecimentos

Teatro Pé de Vento

Jorge Velhote

António Almeida Matos

Ruben Marks

Nuno Aroso

O Teatro Pé de Vento é uma estrutura financiada por

 **REPÚBLICA PORTUGUESA**

 **dgARTES**

e apoiada por

 **Porto.**

 **União das Freguesias**

Teatro Pé de Vento

Teatro da Vilarinha

Rua da Vilarinha, 1386

4100-513 Porto

T 22 610 89 24

geral@pedevento.pt

www.pedevento.pt

Teatro Nacional São João

Praça da Batalha

4000-102 Porto

T 22 340 19 00

Teatro Carlos Alberto

Rua das Oliveiras, 43

4050-449 Porto

T 22 340 19 00

Mosteiro de São Bento

da Vitória

Rua de São Bento da Vitória

4050-543 Porto

T 22 340 19 00

www.tnsj.pt

geral@tnsj.pt

edição

Departamento de Edições do TNSJ

coordenação **João Luís Pereira**

design gráfico **Studio Dobra**

fotografia **Susana Neves**

impressão **Multitema**

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

O Bem, o Mal e o Assim-Assim

texto de
Gonçalo M. Tavares

encenação
João Luiz
dramaturgia
Maria João Reynaud
cenografia
João Calvário
figurinos
Susanne Rösler
composição musical
Pedro Junqueira Maia
desenho de luz
Rui Damas

interpretação
Patrícia Queirós
Rui Spranger
Valdemar Santos

coprodução
Teatro Pé de Vento
TNSJ

dur. aprox. 1:00
M/12 anos

Teatro Carlos Alberto
21-30 outubro 2016
qua 19:00 qui-sáb 21:00 dom 16:00

Sessão com Língua Gestual Portuguesa
23 out · dom 16:00

estreia